

**PRÁTICAS EDUCACIONAIS A PARTIR DE RITOS
DE INICIAÇÃO: EVIDÊNCIAS DA COMUNIDADE
YAAWO EM MOÇAMBIQUE¹**

*EDUCATIONAL PRACTICES FROM THE INITIATION RITES:
EVIDENCE FROM THE YAAWO COMMUNITY IN MOZAMBIQUE*

*PRACTICAS EDUCACIONALES A PARTIR DE RITOS DE INICIACIÓN:
EVIDENCIAS DE LA COMUNIDAD YAAWO EN MOZAMBIQUE*

Óscar Morais Fernando Namuholopa
Universidade Federal de Goiás (UFG)
oscarnamuholopa@gmail.com

Resumo: Partindo da evidência da comunidade *Yaawo* na província de Niassa em Moçambique, o presente artigo pretende, de forma relacional, analisar a prática de ritos de iniciação e a educação. Nesse contexto, discutimos primeiro os conceitos de ritos de iniciação e de educação para aferição da relação entre as duas práticas. Em seguida, descrevemos os procedimentos dos ritos de iniciação masculinos e femininos na comunidade *Yaawo*, destacando os seus principais momentos, conteúdos tratados e metodologias aplicadas. Essa análise sempre caminha com a reflexão sobre a ação educadora, seja ela enquanto prática moderna, seja enquanto prática "tradicional". Ajuda-nos essa trajetória a compreender melhor o que são os ritos de iniciação e o que representam para a comunidade *yaawo*.

Pavras-chave: Comunidade *Yaawo*. Moçambique. Práticas educacionais. Ritos de iniciação.

Abstract: Based on evidence from the *Yaawo* community in Niassa Province, Mozambique, this article aims to analyzes, relationally, the practice of initiation rites and education. In this context, first, we will discuss the concepts of initiation rites and education to measure the relationship between the two practices. Then, we will describe the procedures of male and female initiation rites in the *Yaawo* community, highlighting their

¹ Resulta de um recorte da pesquisa realizada em 2016 com o tema *O papel dos ritos de iniciação na comunidade yaawo*, realizada para fins de conclusão do mestrado em Sociologia.

key moments, addressed contents, and applied methodologies. This analysis is always linked with the educative reflection actions, either as a “modern practice” or as a “traditional practice”. This analytical approach helps us to better understand what initiation rites are and what they represent for the *Yaawo* community.

Keywords: Educational practices. Initiation rites. Mozambique. *Yaawo* Community

Resumen: Partiendo de la evidencia de la comunidad *Yaawo* en la provincia de Niassa en Mozambique, el presente artículo pretende, de forma relacional, analizar la práctica de ritos de iniciación y la educación. En este contexto, discutiremos primeros los conceptos de ritos de iniciación y de educación para constatar la relación entre estas dos prácticas. En seguida, describimos los procedimientos de los ritos de iniciación masculinos y femeninos en la comunidad *Yaawo*, destacando sus principales momentos, contenidos, tratados y metodologías aplicadas. Ese análisis siempre camina con la reflexión sobre la acción educadora, sea ella en cuanto práctica moderna, sea en cuanto práctica “tradicional”. Ese abordaje analítico nos ayuda a comprender mejor cuales son los ritos de iniciación y lo que representa para la comunidad *Yaawo*.

Palabras clave: Comunidad *Yaawo*. Mozambique. Practicas educacionales. Ritos de iniciación.

Introdução

As comunidades africanas desde há muito tempo preocupam-se com a educação das suas gerações como forma de muni-las de valores culturais eleitos na tentativa de criar coesão interna e de torná-las hábeis para enfrentar os desafios que a vida social impõe. Se não fosse a educação comunitária, os mais diversos valores históricos e patrimoniais que as comunidades africanas ostentam não mais existiriam ou não teriam se desenvolvido de tal maneira como os conhecemos hoje.

Essa educação é sempre confiada às gerações adultas que, com base no conhecimento que a dura escola da vida lhes proporcionou, transmitem às mais novas as suas experiências. Os mecanismos de transmissão de tais conhecimentos e valores obedecem a critérios definidos pelas comunidades, não podendo ser uniforme na forma de fazer e conceber o sentido das coisas.

No nosso caso particular, estudamos essa forma de educação que consiste na transmissão de valores socioculturais na comunidade *Yaawo*, povo considerado autóctone da província de Niassa, no noroeste de Moçambique.

A educação comunitária mais marcante nos *ayaawo*² é feita através dos ritos de iniciação, cerimônia pela qual se inicia o novato para a sua admissão como membro ativo e de plenos direitos na sociedade. Esses ritos ocorrem separados, cabendo aos anciãos e anciãs em cada grupo a direção do processo masculino e feminino respectivamente.

A iniciação na comunidade em estudo decorre em duas épocas, uma entre julho e agosto e outra entre dezembro e janeiro, como forma de abranger todos os meninos em idade para essa ação e que não puderam fazer na temporada imediatamente anterior. Em razões do seu procedimento, como veremos adiante, a primeira época é considerada ideal, por ser um período seco, no qual tudo pode ocorrer sem grandes ameaças da precipitação atmosférica que possa atrapalhar o seu decurso normal. Outra razão é por coincidir com o período das colheitas. A bonança econômica pode garantir uma boa festa por ocasião dos ritos de iniciação, pois eles são conhecidos também como a festa das colheitas. O segundo período, que se tornou principal, olhando para os níveis de adesão, surge em observância do calendário escolar: a realização em períodos de recesso escolar poderia evitar evasões escolares. Porém, o ideal seria a realização dos ritos de iniciação no primeiro período pelas razões que explicamos (NAMUHOLOPA, 2017).

Os *ayaawo* são, em sua maioria, pertencentes à comunidade islâmica, devido ao seu contato com os povos islamizados da costa e dos árabes persas, com quem mantinham relações comerciais. Apesar de sofrer transformações por causa da globalização, que contribuiu para a modificação da sua natureza anterior, os *ayaawo* são caracterizados pela preservação de seu legado cultural.

A nossa intenção não é exatamente descrever os procedimentos dos ritos de iniciação como tal, porém, compreender o seu papel educativo na transmissão de valores morais e éticos, garantidores da convivência sã e harmoniosa na comunidade em particular e da sociedade em geral. As evidências que a seguir apresentamos resultam de uma pesquisa realizada na comunidade em estudo, conjugada com o material bibliográfico disponível.

² Grafamos *ayaawo* para nos referir ao povo *yaawo* no plural. Em alguns casos poderemos escrever de forma diferente em respeito às transcrições literais. Os *ayaawo* são um segmento *bantu*, um grupo linguístico, com mais de 300 línguas, que constitui a população da África Austral de hoje (SERRA *et al.*, 2000).

Ritos de iniciação e educação

Antes de entrarmos na discussão do nosso propósito, torna-se necessário pontuar os conceitos de ritos, em geral, e de iniciação, em particular, e fazer a sua relação com a educação. Isso não será em vão, pois pode ajudar a compreender melhor o nosso conteúdo. Para Émile Durkheim (2000, p. 20), “[...] os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas”. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir e ser na comunidade, em observância às regras estabelecidas. Em outros trechos esse autor destaca que os ritos são as cerimônias através das quais o fiel entra pela primeira vez em comunicação com o seu gênio protetor. Esse tipo de rito é o rito de iniciação, como diz o termo, que tem por finalidade iniciar alguém.

Facilmente compreende-se que os ritos são princípios criados para manter o vínculo social, pois as representações rituais são representações coletivas que exprimem realidades coletivas. A importância da sua prática não se subscreve apenas na exaltação ou afirmação cultural dos povos, mas também e, sobretudo, em provocar determinados estados físicos, emocionais e mentais nos iniciados. A fonte sustenta que há no indivíduo dois seres: um que se limita ao organismo como uma essência biológica e outro, um ser social que se reveste de uma ordem intelectual e moral. Na comunidade em estudo, cabe aos ritos preencher esse espaço moral com máximas próprias.

Por outro lado, segundo Edgar Pereira (1998), por “ritos de iniciação” entende-se um conjunto de cerimônias pelo qual se inicia alguém tendo em observância os mistérios de uma dada região. Além da educação da família e do grupo, os ritos de iniciação têm um papel preponderante na instrução e educação da criança. Eles abordam aspectos da vida social, designadamente: como ser e estar, valores culturais, costumes e tradições. Assim, o conceito de Pereira remete-nos a uma questão fundamental, a de que a iniciação constitui uma forma de educação, e isto é inegável, pois as evidências são reveladas pelos ensinamentos aos quais a criança é submetida.

Pela iniciação, o indivíduo passa da infância para a vida adulta. Ou seja, participando desses ritos, o iniciado adquire a maioridade social e toma consciência da própria identidade e do lugar que lhe compete na comunidade. Só depois da iniciação é que pode tomar parte de

plenos direitos em todas as atividades da sociedade que outrora pertenciam ao mundo dos adultos. Pode, por exemplo, participar das cerimônias sagradas (fúnebres e cultos aos deuses, etc), participar das assembleias da comunidade, formar família, enfim, tomar parte da vida ativa da sua comunidade. Nesse contexto, os ritos de iniciação representam uma cortina de vida, em que de um lado está o antes, caracterizado como sendo marginal e ambíguo, e do outro, o depois, uma nova condição do iniciado, um renascimento na vida social com aptidão para servir a comunidade. É nos ritos que o membro da comunidade é instruído sobre aspectos fundamentais para a sua vida positiva na sociedade onde está inserido com o seu papel e deveres enquanto membro integrante.

A iniciação em crianças ou jovens, dependendo dos costumes de cada população, não tem formas uniformes em toda sua universalidade, tal como muito bem observou Durkheim nos trechos anteriores. E para assinalar essa variedade, Genep (2013) afirma que a iniciação geralmente serve, ora para marcar a entrada na infância, ora para marcar a entrada na adolescência e que normalmente consiste em deixar marcas corporais, na maioria das vezes. Em umas comunidades consiste em cortar o prepúcio e em outras, em arrancar um dente. Em algumas ainda consiste no corte ou perfuração do lobo da orelha. Em outras, na prática de tatuagens e escarificações ou no corte do cabelo de certa maneira. Portanto, os ritos de iniciação não têm a mesma forma em todas as sociedades. Elas vão mudando conforme variem as comunidades.

Tanto Pereira (1998) quanto Durkheim (2000) fazem caminhar o conceito de ritos de iniciação no sentido de aproximá-lo da ação educadora. Assim sendo, geralmente, os ritos de iniciação representam uma educação em prática. Se por um lado a educação moderna ensina, dotando o aluno de conhecimentos socioculturais e científicos universais, por outro, a educação dos ritos de iniciação dota-o de conhecimentos socioculturais da sociedade a que pertence e de conhecimentos da ciência comunitária. Ao falar da iniciação como uma componente da educação, chamamos atenção desde já que estamos longe de nos referir à educação “formal”. Estamos nos referindo à educação “informal”, aquela que acontece em meios comunitários.

Buscando o conceito de educação legado pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1965), facilmente pode-se constatar sua aproximação com os ritos. Segundo ele, “A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda

preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais, reclamados pela sociedade [...]” (DURKHEIM, 1965, p. 41). Evidentemente é o que acontece com a iniciação, em que a ação educadora dos iniciados fica confiada às pessoas adultas, escolhidas pela comunidade pela sua capacidade e idoneidade. Esses mestres devem ser dotados de certa autonomia moral e ética da respectiva comunidade. O fim conflui ao mesmo ponto, o de provocar determinados estados físicos e psicológicos nas camadas visadas.

A finalidade desta educação ritual, sobretudo na mulher, é provocar-lhe características e comportamentos achados convenientes para enfrentar a vida marital e a de futura mãe e agente fundamental da educação da sociedade. Basta recordar que cabe a ela dar orientação certa aos filhos desde a primeira hora através do seu afeto emocional. É assim como é vista a mulher em algumas sociedades.

Nessa educação são também transmitidos os hábitos, costumes, valores e outros códigos adotados pela comunidade para representar vários significados. É nessa vertente que Golias (1993, p. 11) prefere dizer que a educação tradicional é “um conjunto de ideias, sentimentos de hábitos, costumes e aptidões transmitidos de geração em geração aos membros duma sociedade humana, quer através de linguagem verbal, quer através dos próprios actos [sic]”.

Nesta perspectiva, tal como a educação, a iniciação tem por objetivo formar o indivíduo para a integração pessoal, social e cultural. A *integração pessoal* permite ao indivíduo reunir todas as múltiplas influências do seu meio para, em seguida, integrá-las na sua maneira de pensar, de agir e de se comportar. A *integração social* permite ao indivíduo participar ativamente das atividades e da vida do grupo a que pertence. Por sua vez, a *integração cultural* faz da personalidade um padrão, que é a maneira de viver, de pensar e de ser de um determinado grupo.

Constata-se, no entanto, que o sentido da educação é bastante largo e diversificado. Segundo Stuart Mill, citado por Durkheim (1965), educação compreende tudo aquilo que fazemos por nós mesmos e tudo aquilo que os outros procuram fazer com a finalidade de aproximar-nos da perfeição da natureza. Claramente observa-se que a finalidade dos ritos é similar, levar ao iniciado a essa perfeição. Essa perfeição de que cada indivíduo é capaz tem relação direta com o desenvolvimento harmonioso de todas as faculdades sociais dos homens.

Portanto, em função dessa finalidade educativa, a sociedade pretende fazer cada um dos seus membros, ideal sob o ponto de vista intelectual, físico e moral, características que devem ser refletidas em todos os integrantes da comunidade. De acordo com Durkheim, esse ideal ao mesmo tempo uno e diverso constitui a base da educação e tem a função de suscitar na criança: (1) um determinado número de estados físicos e mentais, que a sociedade à qual pertence considera indispensáveis a todos os seus membros; (2) certos estados físicos e mentais que o grupo particular (família, profissão ou classe social) considere indispensáveis a todos os seus componentes. Assim, a educação é o meio pelo qual a sociedade prepara no íntimo das crianças as condições essenciais para sua própria existência.

Uma das finalidades da educação é geralmente a de preparar o indivíduo para lidar com o seu grupo. Salientamos que, de acordo com a fonte, em cada indivíduo existem dois tipos de seres, um individual e outro social, de convívio grupal. O ser individual é constituído de todos os estados mentais que se relacionam apenas consigo mesmo e com os acontecimentos da vida pessoal. O outro, o ser social, é constituído por um conjunto de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós o que é do grupo de que fazemos parte. São exemplos disso, as crenças religiosas, as práticas da moralidade, os costumes e as opiniões coletivas. Este ser social, que interessa à maioria, é constituído dentro da comunidade através dos sistemas de educação por ela aprovados.

O ser social não está prescrito no gene dos homens. Em outras palavras, ninguém nasce com o ser social constituído em si, esta é uma tarefa da sociedade, que molda a personalidade social dos seus integrantes. Os novos constituintes da sociedade encontram-se em uma fase de *tabula rasa* sobre a qual devem ser inscritos os valores éticos e morais, as virtudes, o espírito de vida social, enfim, as condições de convivência grupal. Mais uma vez, destaca-se aí o papel dos diferentes processos de educação: ela, ou seja, a educação, cria no homem um ser novo. Por essa razão, “Cada tipo de povo tem um tipo de educação que lhe é próprio, e que pode servir para defini-lo, tanto quanto a sua organização moral, política ou religiosa” (DURKHEIM, 1965, p. 79). Nesse processo, o indivíduo deve abandonar tudo que tem a ver com o individual e passar a abraçar tudo aquilo que diz respeito ao grupal, para se tornar um verdadeiro sujeito moral, que sabe distinguir o bem do mal, o doce do amargo, e que saiba, ainda, separar o que é de interesse particular do que é de interesse geral.

Em conformidade com a fonte em referência, o tipo de homem que a educação deve construir em cada um de nós difere do tipo que a natureza fez, ou seja, representa o homem que a sociedade quer que seja, conforme as exigências para o seu equilíbrio interno. Disso resulta que a educação consiste, sob qualquer de seus aspectos, em uma socialização metódica de cada uma das novas gerações com vista a atingir essa perfeição do ser social que se pretende.

Ora, é interessante notar o que diz o autor a que estamos fazendo menção. Isso só para reforçar a posição de que os ritos, em geral, e de iniciação, em particular, fazem parte dos mais diversos processos de educação. Em suas palavras, ele refere que,

Uma cerimônia existente num grande número de sociedades, põe em evidência este traço distintivo de educação humana, e mostra-nos mesmo que o homem teve dela, desde logo, o sentimento. Refiro-me à cerimônia de *iniciação*. Ela se realizava uma vez terminada a educação; geralmente encerrava um último período, em que os antigos davam a última demão à formação do jovem, revelando-lhe as crenças e os ritos sagrados, de maior significação da tribo. Uma vez submetido a ela, o indivíduo tomava o seu lugar na sociedade; deixava a companhia das mulheres, no meio das quais tinha passado a infância; tinha, então, lugar indicado entre os guerreiros; ao mesmo tempo tomava consciência do seu sexo, de que passava a ter todos os direitos e deveres. Tornava-se homem e cidadão (DURKHEIM, 1965, p. 84; grifo do autor).

Esta é a interpretação feita por Durkheim, que a iniciação constitui uma educação, a forja de uma personalidade ativa para o seu papel dentro da sociedade a que pertence.

Essa imensa discussão permite apreender que a importância da educação não se limita apenas às evidências aqui trazidas, mas também que ela perpetua e reforça a homogeneidade social, inculcando na mente e na alma da criança as atitudes essenciais que a vida coletiva impõe aos indivíduos. Ela assegura a unicidade na diversidade e ela própria começa apresentando a diversidade e especificação para assegurar essa homogeneidade.

Sem a educação, as aptidões que a vida social impõe seriam simplesmente impossíveis, ou não seriam difusas. As faculdades de boa convivência e as predisposições de sociabilidade não são transmitidas por hereditariedade, elas são fruto da educação tomada no seu sentido mais amplo. Nesse diapasão, interpretando Durkheim (1965), quer se trate dos fins a que ela se propõe, quer se trate dos meios que ela emprega, a educação sempre atende as necessidades sociais, exprime as ideias e sentimentos coletivos. Importante é reconhecer

ainda que nós devemos à educação o melhor de nós mesmos e, portanto, essa parte melhor de cada um de nós é de origem social.

Não obstante a sua contribuição, as passagens anteriores deixam claro que a proposta educativa de Durkheim é de uma educação de reprodução, aquela em que o indivíduo nada questiona, somente aceita as coisas tais como são e as recebeu. Na verdade, os ritos de iniciação, como parte dessa educação, também carregam as mesmas características, sendo que os iniciados são meros consumidores. Os ritos servem para reproduzir os mesmos valores que são anteriores ao sujeito social. O interesse de Durkheim é de uma educação de reprodução social completa e não de uma educação que visa promover mudanças sociais. Ou seja: saber fazer, ser e estar sem provocar alterações na estrutura anterior por força das mudanças sociais, como se a sociedade continuasse sempre estática.

Os pressupostos apresentados ao longo desta discussão são suficientes para testemunhar que a prática dos ritos de iniciação tem importância na vida das comunidades, na medida em que integram seus valores de socialização, não restando mais dúvida quanto a isso. Aliás, os fatos falam por si: os conteúdos, os valores e os objetivos de fazer dos iniciados seres íntegros na sociedade culminam com os princípios da educação moderna e objetivos simétricos de formar o ser social para o seu papel ativo na sociedade, para saber ser, estar, fazer, sentir e agir de acordo com as regras estabelecidas.

A importância dessas manifestações culturais não reside apenas na exaltação das riquezas das sociedades, mas também servem para identificar as comunidades, descrever os indivíduos, representar os povos, ou seja, demarcar as fronteiras. Assim é o exemplo dos ritos aqui estudados que servem para habilitar o indivíduo ao serviço útil da comunidade a que pertence. Os ritos também representam a manifestação cultural, pois tornam o respectivo povo distinto do outro, mediante a natureza da sua prática, tendo em conta que as suas modalidades variam de uma comunidade para a outra. Deste modo, os ritos são coisas iminentemente sociais. As representações sociais são identidades coletivas que exprimem realidades coletivas para e na sociedade.

Tanto os ritos, quanto as demais manifestações, todos eles são, única e exclusivamente, enquanto a sua existência estiver relacionada com o cotidiano do homem, direta ou indiretamente, ideias dos valores dos nossos interesses culturais e patrimoniais.

A educação a partir dos ritos de iniciação na comunidade *yaawo*

O processo de iniciação entre os *ayaawo* acontece na terceira infância, que se dá entre os seis e os doze anos de idade. Por coincidência este é o período escolar, em que a criança entra em contato com o seu meio, ganha autoestima, tem domínio de si, adquire novas descobertas, desenvolve-se e, em suma, entra na fase sociável da pessoa (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Curioso notar que, mesmo sem o domínio da psicologia de desenvolvimento, é nessa fase que os *ayaawo* preferem submeter os seus filhos aos ritos de iniciação. Parece que a experiência ditou-lhes que essa é a fase fértil para a aprendizagem.

Para esse efeito, a comunidade é atenta ao observar a chegada dos seus membros nesse período, para que os ritos de iniciação tenham lugar, no intuito de imbuir-lhes conhecimentos, cultura e valores soberanos da comunidade que lhes serão úteis para a vida inteira. Há a separação por gênero (de homens e mulheres) durante o processo. Isso visa tratar com plenitude as matérias de domínio particular dos respectivos grupos.

A iniciação masculina (*djando*) não se diferencia da feminina (*nsondo*) somente na constituição dos seus agentes; difere também em outros aspectos, como o lugar de processamento, conteúdo (embora haja alguma convergência), pessoas fazedoras, período de duração, rigor e ambiente. A iniciação masculina acontece em uma única fase, em um ambiente isolado e fechado, com a duração de cerca de um mês. Por sua vez, a iniciação feminina decorre também em ambiente fechado, podendo durar, nos últimos tempos com a supressão de alguns procedimentos, até três semanas, porém, em um processo contínuo em diferentes fases de desenvolvimento fisiológico³.

Notamos que os meios usados para a transmissão da sabedoria popular são as canções (por vezes acompanhadas de danças), os mitos, os provérbios e os ditados populares. É a partir deles, mediante a aplicação da pedagogia popular, que são transmitidos os conselhos, histórias, virtudes da vida, valores morais, princípios éticos e tudo aquilo que se relaciona com o ser e estar na sociedade. Neste caso, o papel dos mitos é o de explicar, com base no

³ Gennep (2013) enumera até quatro. A primeira caracteriza-se pelo período de reclusão e instrução sexual; a segunda pela promoção da festa por ocasião da primeira menstruação; a terceira acontece depois da primeira gravidez; e a quarta congrega os ritos de parto e ritos de primogenitura.

saber popular, a origem, estrutura e o funcionamento do mundo, o princípio da vida e das coisas e, naturalmente, o seu fim.

A educação da criança, que desde o seu primeiro dia de vida coube aos seus pais a responsabilidade de incutir nela o sentido da vida através do carinho, repreensão e sensibilização, agora é confiada aos mestres e padrinhos que devem completar a sua formação humana com valores superiores da comunidade. São várias as matérias ministradas relacionadas com a vida individual como uma unidade biológica e como sujeito psicossocial. Nessa vertente, aos iniciados são ensinados os cuidados que devem ter com as mulheres (caso se trate de homens) ou com os homens (caso se trate de mulheres). Em matéria de educação sexual, os iniciados são instruídos sobre a sua corporeidade, no sentido de terem o domínio do seu próprio corpo e do oposto. São instruídos também sobre o papel de cada um em uma relação conjugal e quando devem ou não se relacionar sexualmente (NAMUHOLOPA, 2017).

A educação envolve aspectos que o cônjuge deve ter em consideração em uma relação marital. São aconselhados no sentido de que, quando chegar a vez de formar família, a escolha do par deve ser orientada pela conduta ética, habilidades pessoais e o histórico social. Os pais ou parentes mais próximos são os principais agentes de consulta obrigatória, tal como descreve o padre João Baptista Amide da descendência *yaawo*:

O que sei, é que no Rito de iniciação, se ensinava que antes de casar deve a pessoa preparar-se moralmente, economicamente no sentido de ter *machamba*⁴, nem que fosse pequena, ter uma casa e naturalmente todo o mínimo necessário numa casa; preparar ao nível legal da tradição com os tios e pais. E mais ainda, não é suficiente que a menina seja bonita e bem comportada bem como o rapaz, mas também precisa saber-se a que família pertence e qual é a conduta moral daquela família. Nunca o povo *yawo* admitia que acontecesse um nascimento de filho que não seja num casamento testemunhado e ratificado (AMIDE, 2008, p. 78).

Portanto, para além de outros aspectos, a iniciação visa preparar o indivíduo para ser um sujeito social útil para a comunidade, capaz de trabalhar em prol da sua própria vida e de sua família. Essa instrução poderá ser completada ao longo do tempo, sendo os pais e parentes os responsáveis em consolidar essas competências. O bom comportamento e as habilidades são indicadores de um tipo ideal para fins sociais na comunidade *yaawo*, visto que sua

⁴ Campo cultivado para a produção de produtos agrícolas de natureza variada.

ausência em um indivíduo pode resultar em isolamento social. A reputação de um indivíduo, para todos os fins sociais, depende de como ele se comporta diante das múltiplas realidades igualmente sociais.

Um dos exemplos que destacamos neste caso está relacionado com a origem do nome dinástico de um dos Estados mais salientes entre os Estados *Yaawo*. A história ensina que havia chegado o tempo de Nyambi contrair matrimônio e formar família. Para isso, como é regra, dirigiu-se a uma aldeia vizinha para pedir a mão em casamento de Mbumba, uma moça famosa pela sua beleza. Os encarregados de Mbumba recusaram o pedido de Nyambi por considerá-lo inelegível, pois nunca tinha provado à comunidade ser bom trabalhador, capaz de lutar contra a fome e pelo bem-estar da família. Inconformado com a resposta que obteve e desejando desposar Mbumba a todo custo, Nyambi decidiu desbravar grande extensão de terra para cultivar, trabalhando arduamente dia após dia, expondo-se a quaisquer condições atmosféricas. Passado algum tempo, Nyambi conseguiu trabalhar boa porção de terra e, em seguida, ele mesmo se autodeclarou Mataka, o trabalhador da terra. Assim, Mataka conseguiu granjear boa reputação e, por conseguinte, obteve Mbumba como sua esposa. Depois que se tornou sultão Mataka passou a usar este nome pelo qual seriam igualmente chamados os seus sucessores e todo seu território ficou conhecido como “Estado Mataka” (WEGHER, 1995; NAMUHOLOPA, 2017).

Em matéria de ser e estar, os iniciados são educados no sentido de terem respeito e consideração para com todos os integrantes da sociedade. Os novatos são instruídos de que os mais velhos são pessoas que, pelo seu valor social, merecem uma digna consideração, devendo-se prestar-lhes o apoio necessário. Essa consideração não se limita apenas ao meio familiar, é extensível a toda sociedade e a todos os grupos, sem distinção alguma (velho, jovem ou criança). Ela parte de casa com respeito aos pais. Para isso, são ensinados que não devem de maneira alguma entrar no quarto dos seus pais. A medida visa evitar encontrar os pais em estado de vergonha. Portanto, havendo necessidade por razões indispensáveis, deve-se solicitar licença vezes necessárias e só entrar assim que for permitido, caso tenha alguém.

Os noviços aprendem também as boas formas de ser, como evitar falar ou rir junto da mesa e a não abandonar antes dos mais velhos. Aprendem também a serem trabalhadores de modo a granjearem boa simpatia social e evitarem situações descritas anteriormente, no caso

Mataka. Para essa habilidade, eles devem começar na casa dos pais, ajudando nos trabalhos domésticos, cultivando os campos, etc.

Desde que o iniciado passe pela prova, é-lhe ensinado a não se sentar junto das mulheres (para homens) ou junto dos homens (para mulheres) e obviamente é impedido de aprender as suas linguagens secretas. Por conseguinte, não lhe pode ser ensinado também as linguagens dos homens se for mulher e vice-versa. Passa, assim, o iniciado a conviver com o seu grupo, moços ou moças da sua idade ou até mais velhos, os quais o conduzem pelos caminhos certos.

Os ritos de iniciação estão praticamente cobertos de valores superiores da educação. Aos iniciados é criado um ambiente de meninos bem-educados e obedientes. Recusar um pedido para fazer alguma atividade é quebrar com as normas. São ensinados a absterem-se das práticas que ferem a moral social.

No caso dos homens, para além de serem aconselhados a absterem-se do ato sexual durante o período das regras da mulher e do período pós-parto, são proibidos de fazer sexo com as crianças. São aconselhados também a não violentarem suas esposas e a não as abandonar ou devolver à casa dos pais por motivos de doença, visto que as tomaram em bom estado de saúde. Esta medida tem em vista evitar que, por uma incapacidade qualquer movida por estado de saúde, a saída encontrada pelo homem seja abandonar a esposa.

Os rituais revelam, portanto, valores sociais mais profundos aprovados pela comunidade, e procuram estabelecer mecanismos de harmonia social em função das vivências cotidianas, pois,

[...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo, no estudo dos ritos, a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas (WILSON, 1954 *apud* TURNER, 2013, p. 23).

Assim, entre outras finalidades, os ritos estabelecem relações duradouras e satisfatórias entre nativos e não nativos, pois as relações satisfatórias dependem, quando muito, de uma profunda compreensão mútua. Turner não hesitou em dizer que “os ritos em parte têm a finalidade de efetuar uma reconciliação entre as partes em jogo, visíveis e invisíveis, embora tenham episódios de exorcismo” (2013, p. 34).

Nem todos os ensinamentos prestados na educação tradicional são consensuais entre os iniciados, mas esses não têm nada a fazer senão submeter-se, aceitando, por mais que não estejam de acordo, pois os ensinamentos resultam das práticas mais antigas da comunidade, que chegam a cada uma das gerações graças à importância das fontes orais. Assim, “o indivíduo integra os valores culturais do seu grupo e neles se conforma nas suas maneiras de ser e de agir” (GOLIAS, 1993, p. 12).

Na educação tradicional os conhecimentos práticos concretos são de extrema importância, na medida em que é ensinado à criança o essencial da vida. É participando de certas atividades que aprende a executá-las, sendo o papel do adulto o de guia. É geralmente nos ritos de iniciação, onde reside a educação tradicional, que o menino ou a menina busca conhecimentos que lhe vão ser úteis durante a sua vida inteira. A educação dos ritos de iniciação é uma educação pela prática, pois os iniciados aprendem fazendo determinadas atividades que posteriormente aplicarão em seu cotidiano. No caso da educação sexual, os iniciados aprendem através de atos simulados.

Assim, os ritos de iniciação constituem a forja de personalidades ativas. É dessa forma que se considera homem ou mulher depois de passar pelos ritos. Pode, desde então, ser integrado ou integrada nas missões de homens e mulheres valentes; passa a dispor de plenos direitos e ainda pode lidar com coisas sagradas. A explicação de Durkheim que se segue dá conta de que a iniciação representa um renascimento por parte dos iniciados, como se pode ler:

Ora, é crença universalmente difundida em todos os povos que o iniciado, pelo simples fato da iniciação, tornava-se homem inteiramente novo; mudava de personalidade, tomava outro nome, e é bem sabido que o nome não era então considerado como simples signo verbal, mas como um elemento essencial da pessoa. A *iniciação* era considerada como segundo nascimento. Tal transformação, o espírito primitivo a representava simbolicamente, imaginando que um princípio universal, uma espécie de nova alma vinha encarnar-se no indivíduo. Mas, se separarmos dessa crença as formas míticas que a envolvem, não vimos a encontrar, sob um símbolo de fácil decifração, essa ideia ainda obscuramente entrevista da educação que cria um ente novo? Esse ente, é evidente, representa um homem social (DURKHEIM, 1965, p. 84; grifo do autor).

Portanto, estas e outras qualidades só podem ser suscitadas por uma ação vinda de fora, que em outras passagens o autor chama de coerção social pelo fato, como explicamos,

dessa educação ser imposta. No trecho anterior, está ainda mais claro que a iniciação, como um derivado da educação, satisfaz as necessidades sociais de diversos grupos socialmente constituídos. A ideia de renascimento a partir dos ritos é muito profunda entre os *ayaawo*. O iniciado, um novo ser, abandona o nome que lhe era comum na infância e assume o de adulto. Desde então constitui ofensa moral chamar-lhe pelo nome da infância. Igualmente é mudada a forma de tratamento, pois apesar da idade é considerado adulto.

Nos ritos de iniciação os novatos aprendem o companheirismo e a vida comunitária. Tal como acontece no militarismo em que é abolida a propriedade para passar a vida aquartelada, nos acampamentos dos ritos ela também é abolida. Os bens ali possuídos servem para todos, sem distinção alguma. Também é estimulado o alto sentido de disciplina e obediência. Aqui, os mestres servem-se de todos os mecanismos para manter a ordem e disciplina e “eles articulam a convivência social e dotam os indivíduos de saberes para agirem *em* comunidade, *com a* comunidade e *para a* comunidade” (BRAÇO, 2008, p. 94; grifos do autor). Assim, os iniciados são considerados como uma autêntica *tabula rasa*, uma espécie de um vazio completo, cabendo aos mestres imbuir neles atitudes, conhecimentos e virtudes que caracterizam o meio social. Para esse efeito, eles imitam, recitam, enumeram os códigos, princípios e signos e interpretam a linguagem secreta.

Referindo-se ao desenvolvimento da vida comunitária, Víctor Turner (2013) observou que nela há uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem. Portanto, os iniciados de uma mesma época constroem entre si um laço de fraternidade, respeito e profunda consideração no sentido horizontal. Este ambiente de comunhão e de estrutura relativamente indiferenciada faz esses indivíduos iguais, o que os leva a não terem complexos de inferioridade ou de superioridade diante dos papéis a desempenhar. A consideração criada por contemporâneos da iniciação por vezes transcende certos níveis de familiaridade e prova a evidência de que “um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro. O ‘bom amigo’ – alguém cuja benevolência é disponível mesmo em tempos difíceis – é substituto nos dias de hoje para o ‘honrável companheiro’” (GIDDENS, 1991, p. 132). Este companheirismo cria relações de confiança e, por consequência, novos laços de parentesco e amizade para o resto da vida.

Para além dos valores educativos, os ritos de iniciação estão cobertos de valores éticos e morais. Assim, algumas proibições, como não subir em árvores diante das pessoas ou não arremessar pedras ou outros objetos por simples prazer, não espreitar gente tomando banho, entre outras, visam evitar ou acidentes daí resultantes ou simplesmente não ferir a moralidade. Por outro lado, as medidas visam preservar a moral e eliminar tendências curiosas que correm nos adolescentes e jovens.

Sumariamente, pelo que ficou aqui dito, os ritos ensinam sobre: o valor do amor consigo mesmo e com a sociedade em geral; a sexualidade, principalmente sobre as regras de relações de gênero, como símbolo do amor conjugal e da reprodução; o respeito generalizado; a responsabilidade social na família e na comunidade; e a preparação para saber lidar com naturalidade diante das circunstâncias da vida humana, como as doenças e o fenómeno da morte, ou seja, ter coragem diante das situações que ponham em causa a integridade familiar e comunitária. Vimos também que os ritos de iniciação formam um ser social, aquele que sabe preservar as amizades, pois precisa compreender que ninguém poderá viver em uma sociedade isolando-se dos outros; que é no convívio com os outros que aprendemos a encarar os fenómenos da vida e partilhamos experiências sociais; que é no coletivo que reside a forja propulsora da solidariedade. Quem não vive com a comunidade não faz parte do mundo social e torna-se apático.

Adicionalmente, o iniciado aprende ainda a história da sua comunidade, no sentido de saber qual é a origem da sua tribo, quem são as referências entre os seus antepassados, quais são as práticas e os traços culturais que eles deixaram como legado para as gerações presentes e o que essas devem fazer para que tais práticas e traços cheguem às gerações vindouras nas mesmas condições em que as receberam. Eles também recebem informações de que esses antepassados, apesar de não existirem mais, estarem mortos, vivem entre eles na condição de espíritos e são intermediários entre as gerações presentes e o Supremo Criador. Por isso, acreditam que, ao fazerem preces e evocarem seus nomes, obterão resposta para satisfação de suas súplicas.

Sem querer pôr em causa a importância que os ritos de iniciação representam para a comunidade em estudo, olhando pelos seus procedimentos, algumas questões são passíveis análise e reflexão. Entre as várias, estão o caso da idade com a qual os novatos são conduzidos aos ritos (dos seis aos doze anos) e a natureza dos conteúdos ensinados. Ao ser

ensinado tudo que se reserva à pessoa adulta (vida marital, sagrada, morte, etc.) às crianças nessa idade, isso acaba sendo um fardo sobre elas, o que é uma violação dos direitos básicos da criança. Esse pode ser um dos indicadores que concorre para casamentos prematuros, pois iniciados ao terminarem o procedimento de iniciação saem com sentimento de adultos, prontos para servirem às múltiplas determinações da vida social adulta.

Podia o processo para ambos os sexos decorrer em etapas (tal como a iniciação feminina) em que em cada uma fosse determinada a matéria com base na idade para não assustar as crianças ou maravilhá-las com conteúdos que até para os próprios adultos constituem desafios. A concepção dos conteúdos devia ser de tal forma que não subestimasse um e sobrevalorizasse outro gênero, como forma de combater o desequilíbrio de relações de gênero que nessa sociedade, aliado ao fenômeno da cultura islâmica, ainda é uma realidade. Estamos a dizer que os ritos de iniciação não deviam ensinar a subserviência ou a dominação de gênero.

O fim da reclusão e festa dos ritos de iniciação

Completado o período de reclusão, declina-se a formação que levou pais e dirigentes do processo ritual a mobilizarem os seus filhos e meios para que tal formação tivesse lugar. Mas antes de retornarem ao seu convívio comunitário, tal como no início com os ritos preliminares que serviram para se separarem dele, observam-se alguns rituais conhecidos por pós-liminares, que servem para fazer essa ponte: da casa sagrada à comunidade. Arnold Genep em *Os ritos de passagem* (2013) faz uma alusão da concepção dos *ayaawo* sobre os ritos de agregação, que equivalem aos ritos pós-liminares. Genep explica que os ritos de agregação entre os *ayaawo* têm por finalidade “introduzir a criança no mundo” (2013, p. 63). Depois de simbolicamente morto e ressuscitado, o neófito será reintroduzido no mundo da sua comunidade com outra encarnação. Os ritos pós-liminares são os que se encarregam disso.

Assim que confirmado que tudo está conforme, que todos os procedimentos da instrução estão acautelados e todos os iniciados devidamente cicatrizados (da circuncisão), procede-se o encerramento da temporada. É o tempo da execução das cerimônias finais que, começando no lugar de processamento, vão terminar na comunidade em atos solenes.

Depois de longos dias de reclusão, finalmente é chegado o momento de se despedir do local que foi abrigo durante pelo menos um mês e que, apesar da vida dura ali levada, poderá “deixar saudades”.

Ao ritmo dos sons dos batuques e canções alegres, os noviços são conduzidos à comunidade aldeã. Sabe-se também que, nesse trajeto de volta à casa, os iniciados têm uma passagem obrigatória pela casa do régulo⁵, aquele que autorizou e convocou a temporada e que, acima de tudo isso, ungiu de graça cada um deles para que o mal não lhes acontecesse. Esta aparição à casa do régulo não é só para uma simples apresentação, mas também para agradecer, informando-o que, como desejara, nenhum mal aconteceu. Este é o momento em que os pais dos iniciados agradecem ao régulo com algum presente em gênero alimentício, bens preciosos ou valores monetários. Isso se dá por duas razões: a primeira, por permitir que a iniciação tivesse lugar e a segunda, pelo sucesso do processo, como se ele representasse Deus na terra. Daqui, os noviços são conduzidos a um local para uma noite dançante junto da comunidade.

Antecede o dia de saída da iniciação uma manifestação acompanhada de dança bastante animada, cujos fazedores com veste fantasiada e mascarados, ao ritmo dos batuques, circulam nas principais artérias da comunidade e até em vias públicas, em um ambiente de total agitação que nem o sol, nem a chuva, nem a tempestade e nem o roncar das viaturas pode impedir. Este ambiente serve igualmente para lançar um alerta a todos os residentes de que no dia seguinte a comunidade receberá mais um grupo de noviços que acabara de terminar a sua formação.

Chegado o último dia e uma vez cumpridos certos procedimentos finais, os noviços seguem às suas casas em um ambiente de festa caracterizado por movimentos de idas e voltas de gente animada e agitada. Muitos dos participantes desse movimento pintam-se, mascaram-se, tatuam-se, enfim, fazem qualquer coisa diferente para expressarem a sua maior satisfação. A agitação atinge a povoação toda, assinalando o momento mais sublime da cultura. Em suas casas os noviços encontram familiares e amigos prontos para recebê-los e desfrutarem de um banquete preparado para assinalar esse momento.

⁵ Líder tribal cujo poder é de descendência linhageira. Neste caso é a pessoa a quem cabe autorizar a convocação da temporada dos ritos de iniciação e também fazer preces para que o processo esteja coroado de êxitos.

Para essa ocasião, ao iniciado é preparada uma nova roupa, frequentemente de gala, obedecendo a todos os pormenores dos padrões modernos, e, caso seja muçulmano, com a simbologia na cabeça, por ocasião da sua admissão nesta seita religiosa⁶. Nesse dia, o iniciado é a pessoa mais importante da comunidade, sendo-lhe prestada a devida honra.

Importante ressaltar que na aldeia, de acordo com Amide (1998), aos iniciados, sentados em um lugar de destaque, é dado de comer e igualmente recebem presentes de familiares e conhecidos, que podem ser em dinheiro ou em artigos. Essa é a forma de congratulá-los pelo seu ingresso ao mundo dos socialmente adultos.

Uma vez acomodados, segue-se uma sessão de comensalidades e beberagens. Este habitual rito de comer e beber juntos traduz-se em uma pequena espécie (senão grande) de “sacramento de comunhão” em que todos (familiares e amigos) devem participar para assinalar a efeméride.

A festa que assinala o fim dos ritos de iniciação tornou-se, assim, um dos pontos mais altos de manifestação da cultura e convívio social entre as famílias *yaawo*. As cerimônias assumem um caráter extraordinário e, daquilo que se pode ler no semblante dos seus praticantes, satisfaz plenamente a mente e a alma, sendo assumidas como algo que pertence e identifica esse povo.

A festa organizada com pompas e circunstâncias também exalta os progenitores pela dádiva de serem pais de um filho já adulto (pelo saber e não pela idade), que é apresentado à comunidade como um novo integrante social e que preenche todos os requisitos exigidos pelos costumes.

Feito isto, o noviço cumpre com todas as obrigações costumeiras da educação comunitária e encontra-se nas condições de aceitabilidade para todos os efeitos sociais, livre de quaisquer estereótipos. Como se pode depreender, essa educação não é consensual entre as gerações, mas é algo que resulta da herança cultural à qual os indivíduos se submetem para evitar o isolamento social, tal como escreve Durkheim:

⁶ Um dos principais procedimentos dos ritos de iniciação masculinos *yaawo* é a circuncisão. E como ela é fundamental para a adesão ao islão, aproveita-se essa ocasião para a admissão do novo membro à religião por agora cumprir com os requisitos impostos (NAMUHOLOPA, 2017).

Na verdade, porém, cada sociedade considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível. É uma ilusão acreditar que podemos *educar nossos filhos como queremos*. Há costumes com relação aos quais somos obrigados a nos conformar; se os desrespeitarmos, muito gravemente, eles se vingarão em nossos filhos. Estes, uma vez adultos, não estarão em estado de viver no meio de seus contemporâneos, com os quais não encontrarão harmonia. Que eles tenham sido educados, segundo ideias passadistas ou futuristas, não importa: Num caso, como no outro, não serão do seu tempo e, por consequência, não estarão em condições de vida normal (DURKHEIM, 1965, p. 36; grifos nossos).

Nesse trecho de Durkheim claramente compreende-se que a educação não é homogênea e nem válida para todos os povos, ela varia conforme variem as culturas e é obrigação de cada uma das gerações observar a educação do seu tempo para efeitos de harmonia social. Entendemos, assim, que o respeito pelas diversidades culturais é fundamental para manter vivo o tecido social.

A preocupação com a educação dos filhos entre povos que conservam as suas tradições não é obra exclusiva dos *ayaawo*. Entre os povos indígenas do Brasil é possível encontrar também um procedimento idêntico. A *festa da menina moça* é muito celebrada entre os índios da etnia *nambikwara*⁷ em Sapezal, por exemplo. Por ocasião da primeira menstruação, entre os nove e os treze anos de idade, as meninas são levadas à reclusão. Ocorre igualmente em local afastado do convívio habitual, onde é construída uma cabana para esse fim. Esse local é proibido aos homens, estando reservado às mulheres. A menina moça toma remédios de raízes para a sua fortificação e outros efeitos que se acredita serem possíveis através dessas infusões (OLIVEIRA; SATNOS; SATNOS, 2013).

De acordo com a fonte, depois de findar o período de reclusão e instrução, é organizada uma grande festa para qual são sacrificados animais e preparada uma diversidade de comida e bebidas. As danças e canções acompanham o momento de muita euforia comunal durante o qual a menina moça permanece cabisbaixa. As letras das canções fazem referência aos espíritos que são evocados para agirem em proteção da vida da menina e da comunidade.

Conforme explicaram os autores em referência, a menina moça é presenteada com diversos bens por essa ocasião. A festa junta a comunidade inteira, convidados de outras

⁷ Escreve-se também *nambiquara*, significa orelha furada. É uma das etnias dos índios brasileiros.

etnias e parentes que vivem fora da tribo, chamados para testemunhar esse momento. Para além da alimentação servida no local, os visitantes têm também direito de brindes.

Consumada a festa, a menina é retirada da cabana que, em seguida, é destruída pela mãe. A festa serve para apresentar à comunidade a moça que cumpre com os requisitos culturais e está pronta para casar e formar família. O momento serve igualmente para preservar a cultura e identidade dos índios (OLIVEIRA; SATNOS; SATNOS, 2013).

Estas práticas histórico-culturais caracterizaram estes povos e servem de instrumento de coesão entre os membros da comunidade. São igualmente, um depósito válido dos princípios psicológicos e asseguram a moral coletiva, num processo em que a experiência e a oralidade são garantidoras da sua vitalidade.

Considerações finais

Ao longo do presente texto abordamos a educação na base dos ritos de iniciação, partindo da realidade da comunidade *yaawo* da cidade de Lichinga, província de Niassa em Moçambique. Nesse contexto, vimos que, ritos tomados no seu sentido amplo, são regras de conduta que prescrevem como os homens devem se comportar com as coisas sagradas (DURKHEIM, 2000). As coisas sagradas, neste caso, são as diferentes formas que o homem usa para venerar a sua existência e sua relação com a natureza, com os homens e com os seus antepassados.

De forma particular, vimos que os ritos de iniciação, conforme Pereira (1998) são um conjunto de cerimônias pelo qual se inicia alguém segundo os mistérios de uma determinada região. Essa iniciação visa introduzir o indivíduo no seu contexto social de acordo com os princípios válidos naquela comunidade. Esses ritos, porque integram um vasto leque de ensinamentos visando preparar o indivíduo para o seu papel ativo dentro de seu grupo, constituem parte da educação dessa comunidade.

A educação a partir dos ritos de iniciação na comunidade *yaawo* constitui o mais importante momento de afirmação cultural e de socialização dos seus membros. Assim, a escola dos ritos de iniciação é uma fonte para a formação de uma personalidade sadia e de construção de um sujeito moral e ético, segundo os critérios estabelecidos por essa comunidade.

Na verdade, essa é uma educação de reprodução, aquela em que o indivíduo nada questiona, limita-se em fazer tal como fora ensinado, e não uma educação para a transformação, como se pretende hoje. Portanto, cabe às gerações adultas assegurar essa educação, sendo a sua vitalidade garantida pelas fontes orais. É uma educação pela prática, pois os indivíduos veem, ouvem e logo fazem, quer em práticas reais, quer em atos simulados.

Realçamos que ao longo do nosso estudo vimos que os principais meios de transmissão dos conhecimentos comunitários são as canções, por vezes acompanhadas de danças, além dos mitos, provérbios e ditados populares. Portanto, as principais matérias relacionam-se com a ética e a moral, os conhecimentos sobre a corporeidade, a higiene pessoal e comunitária, a instrução sobre a vida sexual e a habilidade pessoal. Por isso, há separação entre os ritos de iniciação masculinos e femininos para que os conteúdos sejam tratados com autonomia.

Referências

AMIDE, João Baptista. *O povo yao: ontem, hoje e amanhã*. Lichinga: Diocese de Lichinga, 1998.

AMIDE, João Baptista. *Wayao'we' no conhecido Niassa: os valores culturais e a globalização*. Maputo: Diname, 2008.

BRAÇO, António Domingos. *Educação pelos ritos de iniciação: contribuição da tradição cultural ma-sena ao currículo formal das escolas de Moçambique*. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Tradução de Mariano Ferreira. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GOLIAS, Manuel. *Sistemas de ensino em Moçambique: passado e presente*. Maputo: Escolar, 1993.

NAMUHOLOPA, Óscar Morais F. *O papel dos ritos de iniciação na comunidade yaawo: caso da cidade de Lichinga-Moçambique*. 156f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

OLIVEIRA, Adilson; SATNOS, Lucas Torres M; SATNOS, Maykon. *Festa da Menina Moça*. Reportagem.Sapezal: RSTV Sapezal, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bnc_1BVK8Io&list=PLrq3pwrUbrSyzw5nIbxqgfBDCllHamNds>. Acesso em: 01 jan. 2018.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. Tradução de Daniel Bueno. São Paulo: Artmed, 2006. Disponível em <<http://image.slidesharecdn.com/dianee-141113195359-conversiongate02/95/desenvolvimento-humano-diane-e-papalia-1-638.jpg?cb=1415909818>>. Acesso em: 27 out. 2016.

PEREIRA, Edgar Nasi. *Mitos, feitiços e gente de Moçambique*. Lisboa: Caminhos, 1998.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Tradução de Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2013.

SERRA, Carlos (Dir.) *et al. História de Moçambique vol. 1*. Maputo: Livraria Universitária, 2000.

WEGHER, Pe. Luís. *Um olhar sobre Niassa*, 1º Vol. Maputo: Paulinas editora, 1995.

Sobre o autor

Óscar Morais Fernando Namuholopa

Possui graduação em Ensino de Historia pela Universidade Pedagógica de Moçambique (2010) e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (2017). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes linhas: cultura, representações e práticas simbólicas e, movimentos sociais, poder político e transformação social. Atualmente frequenta o doutorado em Sociologia na Universidade Federal de Goiás e a sua pesquisa subordina-se ao tema: Movimentos étnicos em Moçambique: um estudo da questão do MOCIZA na Zambézia.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1972543301153020>

Recebido em outubro de 2019.
Aceito para publicação em dezembro de 2019.